





## **CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE**

Ata da reunião de 20 de março de 2019

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

### **A Nomeação da Cidade do Rio de Janeiro como primeira Capital Mundial da Arquitetura, título concedido pela Unesco, e o "27º Congresso Mundial de Arquitetos"**

O presidente do Instituto Pereira Passos deu início à reunião e realizou as seguintes observações:

- Hoje, o querido Sérgio Magalhães está de volta. Tem uma longa história na Prefeitura do Rio de Janeiro e já foi aqui do Conselho Estratégico.

- Vamos falar do Congresso Mundial de Arquitetura e do Rio Capital Mundial da Arquitetura.

### **Em seguida, foi dada a palavra à Valéria Magiano Hazan, Subsecretária Municipal de Urbanismo. Os tópicos apresentados por ela foram os seguintes:**

- Inicialmente, quero agradecer ao Mauro Osorio pelo convite para fazer essa apresentação. Sou funcionária concursada da Prefeitura desde 2005 e atuo na Secretaria Municipal de Urbanismo desde 2005. Sou ex-conselheira do Instituto de Arquitetos do Brasil, já fui do Conselho Deliberativo e do Conselho Superior do IAB há muitos anos atrás. No ano passado estive nesse conselho para apresentar junto com a Verena Andreatta, então secretária municipal de Urbanismo e Habitação, e com o Luís Gabriel Denadai, para apresentar nosso projeto de lei de uso e ocupação do solo.

*Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Há um corpo forte de funcionários na Prefeitura. A Verena Andreatta começou como estagiária aqui no IPP, virou presidente e depois secretária.*

- Fui estagiária da Verena aqui no IPP, foi meu primeiro estágio, fiquei aqui um ano e meio. Entre 1989 e 1990. Conheci vários colegas, participei da elaboração do concurso do Rio Orla, trabalhei em vários projetos de urbanização da área central.

- Ao longo do ano passado a equipe da SMU se envolveu diretamente na articulação com o IAB, tanto no âmbito local como nacional, sob o comando da Verena, do Roberto Ainbinder e da Olga Campista.

- Após os Jogos Olímpicos de 2016 a cidade entrou em uma situação difícil, que vocês estudiosos sabem tão bem quantos nós da Prefeitura. A gente não consegue gerar uma agenda positiva e as pequenas ações que temos feito no dia a dia encontram muito percalços. Até mesmo por conta da diminuição da arrecadação e vários problemas causados pelos Jogos Olímpicos que ficaram pendentes para a gente solucionar e que estão sendo resolvidos aos poucos.

- Esse evento e esse título trazem para a cidade uma agenda positiva e uma alavancagem de renovação e integração com a sociedade civil. Traz diversas possibilidades não só para o turismo, mas para a educação humana das crianças. Há propostas para fazer uma programação junto às escolas. Traz também a questão da reverberação de informações da cidade, esperamos contar com o IPP para isso. Em relação à tecnologia e aplicativos, eu sei que o Arueira gosta muito disso. Podemos pensar nisso e reverberar por meio do portal Data.Rio informações da cidade e trazer todo um conjunto de discussões.

- Estamos trabalhando com uma governança em um modelo diferenciado em relação ao Rio 2016, que tinha uma institucionalização em um órgão só. Estamos trabalhando em um modelo similar ao do Rio 450 anos, com atores de diversos órgãos já formados que se juntam para formar o comitê organizador. Pela SMU continuamos com o Roberto Ainbinder e a Olga. A estruturação da governança deve ser decretada nos próximos dias. Ainda que não esteja estabelecida por decreto, houve várias reuniões desse conjunto de pessoas, dos diversos órgãos que estão trabalhando em todo o escopo que cabe à Prefeitura comandar ao longo desse ano.

**Em seguida, foi dada a palavra a Roberto Ainbinder, servidor da Secretaria Municipal de Urbanismo. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:**

- Essa história começou com a nomeação do Rio para a realização do Congresso Mundial de Arquitetos em 2020 lá em 2014. IAB, Sérgio e Pedro foram protagonistas dessa história. A partir do ano passado, começamos a trabalhar com uma janela de oportunidades que se abriu a partir do entendimento da União Internacional de Arquitetos com a Unesco, de que as cidades que sediarem os congressos mundiais possam ser nominadas Capitais Mundiais da Arquitetura. Não é um título automático, foram estabelecidas algumas regras e uma delas é a apresentação de um dossiê que diz as pretensões do que vai ser realizado no ano em que a cidade sediar o Congresso.

- A partir daí, a Prefeitura junto com IAB e a organização do Congresso, apresentou um dossiê dessa nomeação em 18/05/2018, na cidade de Oaxaca no México, onde houve uma assembleia da UIA. A partir daí, foi dada a chancela para que a cidade do Rio pudesse ser nominada pela Unesco, Capital Mundial da Arquitetura. Estamos em um processo trabalhando esse entendimento, o contrato da Prefeitura com UIA e a governança.

**Em seguida, foi dada a palavra a Sérgio Magalhães, presidente do Congresso Mundial de Arquitetos UIA2020Rio. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:**

- Vou falar uns antecedentes para situar o porquê de estarmos interessados nesse Congresso Mundial. Ele é o maior evento de arquitetura no mundo, reúne mais de 15 mil arquitetos e ocorre a cada 3 anos. É organizado pela União Internacional dos Arquitetos (UIA), fundada em 1948 no sopro pós-guerra. É um órgão autônomo, mas com vínculos de algum modo com a Unesco. O IAB, que em 2020 faz 100 anos, representa o Brasil na UIA.

- Esse Congresso será o maior evento do Rio de Janeiro em 2020. É, inclusive, o maior evento na cidade desde os Jogos Olímpicos. Entre inscritos, acompanhantes, visitantes etc, o número de participantes aumentou muito. Por todas as razões seria importante o Congresso, no entanto, para nós do IAB, sua dimensão foi importante, mas não foi a motivação maior. A maior motivação se dá pelo reconhecimento de que a arquitetura, o planejamento e o espaço brasileiro, seja territorial, urbano ou metropolitano, vivem tempos de muitas dificuldades e até de extrema degradação. Nós do IAB, que temos tido uma tarefa de diálogo com os poderes públicos em defesa da cultura arquitetônica, do urbanismo e do planejamento, vimos que nossos esforços têm sido muito pouco representativos.

- Dos últimos tempos para cá, especialmente desde 2009, leis têm degradado extremamente a noção de projeto de planejamento em todos os níveis, governamental e privado. A ponto de, a partir de 2015, ser aprovada uma lei que autoriza todos os governos a contratarem empreiteiras diretamente para fazer uma determinada obra, mesmo que não haja projeto, que se torna responsabilidade da empreiteira. O que, obviamente, é uma condição de extrema facilidade para qualquer tipo de falcatura, como obras de péssima qualidade, que não terminam nunca e têm preço mais elevado do que o imaginável.

- Nesse contexto, vimos que o diálogo que precisávamos travar deveria ir para além dos governos e atingir a sociedade. Precisávamos fazer com que a sociedade brasileira pudesse reconhecer que o espaço de vida está sendo maltratado e que não é preciso que isso ocorra e que é necessário que isso se modifique. Nossa candidatura foi com o desejo de ajudar a construir um diálogo com a sociedade em benefício do conjunto do espaço construído.

- Entre as características dessa dificuldade estrutural de construção do espaço no Brasil, vamos olhar a função habitação. Poderia ser função mobilidade, infraestrutura ou outras, mas já que as cidades em geral são predominantemente constituídas por moradia, escolhemos essa como exemplo para mostrar a perplexidade que é essa função ao longo dos últimos tempos.

- É de 1870 o famoso sobre as condições de vida da população pobre da Inglaterra, que na época se industrializava, as famílias viviam em condições precárias. Cem anos depois, nas grandes cidades, especialmente no Rio de Janeiro, as pessoas construíam suas casas de modo precário e sem nenhuma infraestrutura. Esse é o momento em que se faz as grandes remoções de favelas do Rio de Janeiro e são construídos os conjuntos residenciais mais distantes, que depois resultaram nas dificuldades sociais, econômicas, políticas e de segurança que nós conhecemos.

- Esse é o modelo do conjunto habitacional da Vila Kennedy, mas também é o de outros conjuntos, que foi derrotado nos anos 1970 e 1980 pela luta política e pela evidência social e econômica. Resultou depois no fechamento do Banco Nacional da Habitação (BNH), um modelo absolutamente corrompido. E, no entanto, 40 anos depois, o Ministério das Cidades constrói em piores condições 72 conjuntos residenciais iguais a este. A cidade nesse período se desenvolveu do jeito possível e as áreas pobres, favelas ou loteamentos, têm hoje mais de 50% na cidade do Rio em condições de precariedade e prestação de serviços escassa ou inexistente.

- O Rio de Janeiro já teve intervenções importantes em favelas na década de 1990. Desde 2008 todos os recursos para urbanização em áreas populares no âmbito federal acabaram, tudo passou a ser Minha Casa Minha Vida.

- Foi construído um conjunto de edifícios isolados entre si e isolados da cidade, assim foi a construção da Vila Pan-Americana e da Vila Olímpica e de tantos outros conjuntos isolados e segregados, que constroem o avanço da cidade em áreas inacessíveis em benefício da especulação. Essa é a regra do Minha Casa Minha Vida.

- Nesse contexto, vemos a degradação do espaço construído e a situação de dificuldade em que moram as pessoas independentemente de suas condições sociais. Fizemos a candidatura do Rio para o Congresso para ajudar a refletir sobre essa questão.

- O tema do congresso é "Todos os mundos, um só mundo, arquitetura 21". Para refletir e significar a multiplicidade e a diversidade dos tempos de hoje, seja no mundo desenvolvido ou não. A diversidade é um valor, mas, no entanto, compartilhamos uma só experiência e um só mundo. É importante sinalizar a atenção que todos devemos ter em relação à vida no planeta e às condições de inter-relação que se estabelecem, sobretudo no mundo urbano. E a

“arquitetura 21” diz para todos nós sobre a responsabilidade da construção do espaço em uma sociedade cada vez mais urbana.

- Essa beleza da cidade do Rio de Janeiro, que todos conhecemos, é um dos ativos que fizeram com que a cidade do Rio fosse escolhida para ser sede do congresso mundial. Disputando com Paris e Melbourne, o fato do Rio ter essa relação tão espetacular entre construção e natureza é um dos fatores importantes para essa vitória.

- Nós decidimos que o congresso seria realizado no centro, embora tenhamos apresentado o Riocentro para que conseguíssemos ganhar. Tivemos que fazer isso por alguns fatores, como por exemplo, deveria haver um espaço para 10 mil pessoas sentadas para a cerimônia de abertura e deveria haver dezenas de salas com determinada quantidade de lugares e ar-condicionado etc. Não tínhamos como demonstrar isso, senão no Riocentro, a 40 quilômetros do Centro do Rio.

- Após ganhar, estudamos uma alternativa viável, que é a realização do congresso no Centro do Rio de Janeiro, em três polos principais: no sul, no norte e no Maracanãzinho. E disseminado também por diversos equipamentos culturais que existem no Centro e na cidade como um todo. Temos um polo no MAM, que de certo modo incorpora o Capanema; temos um polo na Praça Mauá, com o Porto; e a abertura se dará no Maracanãzinho porque é o único lugar que comporta 12 mil pessoas sentadas. Imaginamos, também, que esse é o instrumento espacial demonstrativo do interesse de que o Congresso seja um lugar de diálogo com a sociedade. Isso está espacialmente representado na incorporação do Centro como um lugar do Congresso.

Esses equipamentos todos são ligados por VLT (Veículo Leve Sobre Trilho), portanto tem uma facilidade enorme de circulação. Vai desde o Museu de Arte Moderna em Marina ao Centro Cinelândia e Palácio Capanema. Eles já estão em processo de restauração.

- Fizemos um acordo com o ministério e com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). E a UIA (União Internacional dos Arquitetos) será o utilizador de todo o edifício de março a agosto de 2020. Ele será, portanto, uma das sedes do congresso.

- Estamos organizando como será a representação dos países e atividade dos estudantes. Sobre tudo pela espacialidade, relação com a cidade e pelo significado que tem esse edifício para a cultura arquitetônica mundial.

- Nem todos sabem que esse é o primeiro edifício alto da arquitetura moderna que tem a chamada “cortina de vidro”, terraço, jardim e planta livre. Isso do ponto de vista construtivo. É tecnologicamente inovador com as primeiras lajes que não tem viga. É um edifício de extrema qualidade espacial. E é reconhecido pelos arquitetos do mundo todo como uma obra prima de todos os tempos. Ele se integra ao espaço municipal, Biblioteca Nacional e Museu Nacional de Belas Artes.

- O Museu Nacional de Belas Artes é o herdeiro da Escola Nacional de Belas Artes que foi aberta com três cursos superiores: escultura, pintura e arquitetura. Ele é o edifício original da abertura da Avenida Central. E o Museu Nacional de Belas Artes se propõe a fazer uma grande exposição com as obras e desenhos originais de Grandjean de Montigny. A segunda exposição será da Avenida Central e das obras de Adolfo Morales de los Ríos. A parte norte da Praça Mauá com seus equipamentos culturais com o pavilhão Kobra, uma das feiras do congresso, Palácio Imperial, Museu Histórico, esses equipamentos culturais que o centro do Rio de Janeiro tem e que podem ser disponíveis para exposições, sobretudo, de março a agosto.

- Dentro do tema geral, nós temos quatro eixos temáticos: Diversidade e Mistura, que tem um comitê científico composto por sete brasileiros e seis estrangeiros (um de cada continente e

mais um que agrega a parte de *papers*, que é representante da instituição que tem esse encargo). Os outros eixos são: Fragilidades e Desigualdades, Mudanças e Emergências e Transitoriedade e Fluxo.

- Depois do evento, da programação e da instalação da Capital Mundial da Arquitetura é maduro que se extraia propostas, recomendações, se criem metas para as cidades brasileiras e mundiais com o tempo (até 2025/2030) que possam servir de ânimo para uma recuperação desse ambiente construído que nós estamos vivendo, tão difícil de recuperar. As metas de recuperação do espaço urbano devem ser feita por todos nós, não só por grandes personalidades que vão ser chamadas (que são muitas) e vão nos ajudar, mas por um conjunto de pequenas discussões ao longo do ano de 2019 realizadas na Academia, nas organizações sociais, neste conselho, na sociedade em geral, onde for possível. E é claro que pelas produções de desigualdade que temos isso há de perpassar todas as discussões. É por isso que há um grande interesse do congresso na capital mundial.

- O congresso terá 5 dias, de 15 a 25 mil inscritos, 200 mil visitantes, em 5 idiomas, serão 22 mil metros quadrados para o evento ocorrer e mais de 30 nacionalidades entre os convidados. A abertura é no Maracanãzinho, com capacidade para 12 mil pessoas sentadas, uma parte importante do Porto.

*Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Como não arquitetos podem participar?*

- Do mesmo jeito que os arquitetos, sem nenhuma discriminação. No congresso em si, somente os inscritos e fora do congresso, as pessoas podem participar dos eventos.

*Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Agora em maio o IAB está promovendo um preparatório de comemoração dos 25 anos do programa Favela Bairro. A ideia é fazer pequenos encontros para nós ganharmos força em diversos assuntos em relação às questões da cidade. A ideia é que esse encontro tenha também um relator que vai ser mandado por esse comitê científico e ele fará um resumo para acumularmos isso para 2020.*

- Eu acho que o Fernando Cavalieri tem uma experiência e integração com os temas importantes da cidade, inclusive esse, ele é uma figura indispensável nesse grupo.

-Aqui (referência ao slide) houve a solenidade para escolha do Rio como sede do congresso na África do Sul. Foi aprovada a programação preliminar da capital mundial no México em maio do ano passado. Não era para o Rio ser a capital mundial, era para ser Copenhague, mas achamos que seria uma oportunidade perdida se não aproveitássemos de modo muito efetivo isso porque ela potencializa tudo o mais. De fato já está ocorrendo isso, temos tido a demonstração de que a capital mundial associada ao congresso faz com que ambos tenham uma dimensão muito maior de interesse. Em janeiro (referência ao slide) na sede da Unesco quando a cidade recebia uma indicação formal.

O Rio de Janeiro tem expressão como patrimônio mundial, tem uma qualidade cultural urbana que é única no mundo. É a segunda metrópole do Brasil, não é pouca coisa. É um dos principais destinos turísticos e tem experiência em grandes eventos. O Rio tem uma enorme diversidade arquitetônica. São 450 anos de história e, como uma das raras cidades, tem uma representação no patrimônio de cada um dos períodos da sua história com alta qualidade arquitetônica. Nos períodos do império a arquitetura neoclássica; a arquitetura eclética da virada do século XIX para o XX; a arquitetura *art deco*, de expressiva qualidade no Rio de Janeiro e, sobretudo, a arquitetura moderna e contemporânea. Em cada um desses períodos, nós temos exemplares de primeiríssima qualidade em relação a qualquer outro canto do mundo.

- Tem alguns lugares muito expressivos em relação à *art deco*. Um deles é a Praça do Lido, em Copacabana, que tem um conjunto de edifícios de muita qualidade e tem um conjunto na Central do Brasil, do Ministério da Guerra, que também é excepcional.

- As cidades do mundo todo não tinham arborização até meados do século XIX. A árvore era considerada algo da natureza e que não deveria estar no ambiente urbano. Algumas cidades na Itália são assim, na França e em outros países. Dos espaços públicos arborizados, do tipo parque, um dos primeiros é o Passeio Público (1780) no Rio de Janeiro e depois a Praça da República. Por volta de 1870 é que algumas cidades do mundo absorvem a árvore como instrumento de valorização do espaço público. O Rio de Janeiro esteve, no período colonial, acompanhando a arquitetura mundial e, por vezes, até uma vanguarda e o Rio mantém esses espaços.

*Aparte conselheiro Mauro Osorio:* Além disso, no final do século XIX a cidade do Rio tinha 300 mil habitantes e a cidade de São Paulo 30 mil.

- Nós temos grandes desafios e contrastes que não se esgotam na cidade e, portanto, é um dos elementos importantes para a reflexão do debate durante o ano de 2020. Não queremos que o Rio seja a capital mundial da arquitetura por conta do seu patrimônio de altíssima qualidade, mas também por conta de seus desafios urbanos e sociais que também são representativos no mundo urbano contemporâneo.

-O debate e o resultado do debate são os principais legados. De modo que a gente possa olhar esses desafios de um modo diferente para enfrentá-los, compreender o valor da cultura arquitetônica como construtora da qualidade de vida que desejamos para todos. E o espaço público de qualidade é esse instrumento poderoso.

- Constituição de um fórum global de cidades em paralelo ao congresso para buscar a participação de agentes públicos e privados de alta responsabilidade como prefeitos, presidentes de grandes empresas e lideranças internacionais. Fomentar a inovação e criação de desenvolvimento e divulgar o Rio que é uma cidade metropolitana.

*Aparte da conselheira Cláudia Escarlata:* A diversidade da arquitetura é uma das linhas principais e a gente é uma das poucas cidades no mundo que tem a paisagem cultural tombada, a gente tem o Cais do Valongo, que é um sítio arqueológico, que conta a história da nossa cidade. Tem o Sítio Burle Marx, que é candidato. O próprio prédio de Capanema também está tentando. E os fortes, cujas candidaturas também estão ocorrendo. Se tudo der certo, a cidade vai ter essa proteção da Unesco e qual é o caminho para mantermos isso? Como a gente conseguiria alavancar recursos para a manutenção desse nosso patrimônio com esse congresso?

- É um desafio importante de gestão. Precisa ter a compreensão da sociedade sobre esse valor, acho que essa é a base de tudo. As pessoas têm muito interesse em valorizar a cidade. Eu peguei dois táxis logo após a cidade Rio ser eleita capital mundial da arquitetura e os dois taxistas falaram espontaneamente sobre o assunto.

*Aparte do conselheiro Mauro Osorio:* São Paulo é líder em turismo de eventos, mas em eventos científicos o Rio ainda é líder. Eu acho que um evento como esse pode estar amplificando e divulgando o Rio

Sérgio Magalhães: Em 1970, São Paulo constrói o Anhembi e o Rio de Janeiro constrói o Riocentro. O Anhembi era da iniciativa privada, hoje eu acho que é público; e o Riocentro foi feito pela iniciativa pública. O Anhembi está a 2 km e 700 metros da Praça da República, no Centro de São Paulo. Já o Riocentro está a 40 km da Praça XV, no Centro do Rio de Janeiro. Então, foram perdidos inúmeros eventos e feiras por conta do espaço da cidade mal equacionada. Enquanto os economistas não acreditarem que o espaço tem valor de desenvolvimento, nós vamos continuar fazendo um esforço inútil. Esse Riocentro fez um desgaste enorme na economia do Rio de Janeiro.

**Roberto Ainbinder, servidor da Secretaria Municipal de Urbanismo, retoma a palavra. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:**

- Vamos voltar a falar sobre a governança, que é, exatamente, como tirar do papel essas ideias e intenções e tornar isso minimamente factível. Para que seja entendido de uma forma mais didática, a gente tem aqui do lado esquerdo a linha do congresso que é um protagonismo do IAB junto com UIA, e do lado direito a capital mundial que tem o protagonismo da prefeitura junto com IAB, UIA e relacionamento também com a Unesco que foi quem designou a cidade como capital mundial.

- Nessa organização da Capital Mundial da Arquitetura a gente propôs duas formas de governança. Primeiro tem um conselho, o Conselho 2020 Rio Capital Mundial da Arquitetura, onde o presidente do conselho é o prefeito, isso para todas as capitais futuras. Esse formato foi conversado e acordado junto com a União Internacional de Arquitetos. Ou seja, todas as cidades das edições futuras terão seu conselho e o presidente desse conselho, pelo protagonismo da cidade na programação de capital mundial, será o prefeito.

- No nosso caso a gente estabeleceu uma vice-presidência, porque o prefeito certamente não terá tempo para ter dedicação exclusiva a todas as atividades do ano de 2020. Por isso, nós inserimos a figura do vice-presidente, inclusive foi uma proposta nossa e será implantada nas futuras capitais.

Abaixo nós temos os conselheiros da UIA (o presidente e vice-presidente); temos também o presidente do continente americano, que é um brasileiro; temos dois representantes da UNESCO que compõem esse conselho, e há também vários representantes de órgãos municipais. Enfim, podem ser convidados e agregados a esse conselho personalidades e pessoas da sociedade de uma maneira geral.

Aparte do Fernando Cavallieri: O Rio de Janeiro tem muitas organizações populares e movimentos sociais, que têm direta implicação com a temática da arquitetura em função das favelas, da questão habitacional. Tem módulos específicos da xxx 1:01:10?

- No conselho existe possibilidade, sim, de agregar convidados ao longo de todo o processo de funcionamento do conselho. Na verdade, o conselho vai ter poucas reuniões. São previstas duas para o ano de 2019. A função básica do conselho é aprovar a programação, que é preparada pelo comitê organizador. E o comitê está estruturado da seguinte forma: diretor executivo e três subcomitês (Programação; Comunicação e Fomento; e Administração e Logística). Na composição dessa equipe estão previstos também, dentro do convênio e termo de cooperação firmados com IAB no dia 18 de fevereiro de 2019, a indicação de representantes do IAB e do comitê executivo do congresso nessa governança mais interna da prefeitura, que é o comitê organizador.

- Teremos, ainda, a participação de várias outras entidades, órgãos municipais que irão indicar representantes para compor esses três subcomitês. Logo, esse comitê organizador será um braço operacional do conselho.

*Aparte da Subsecretária Municipal de Urbanismo, Valeria Hazan*



- Isso aí se relaciona com o que eu falei na introdução. Ao invés de fazer uma estrutura como foi feita nas olimpíadas, a Prefeitura está montando uma estrutura interna com vários órgãos que têm funções parciais que se relacionam nessa questão operacional.

- Então, pela secretaria de Urbanismo estamos eu e eles dois, principalmente eles. Mas, nós temos a Secretaria Municipal de Relações Internacionais; o Gabinete do Prefeito; a Subsecretaria de Promoção de Eventos; a Riotur; a Secretaria de Estado de Educação, que se engajou nesse congresso e fez um convênio conosco ofertando o espaço para ser a sede desse comitê; o Cerimonial do Prefeito; e a Secretaria Municipal de Cultura. Há vários outros órgãos que em função de programações específicas, vão se agregando.

- Por outro lado, não adianta ter todos os outros órgãos municipais, pois assim fica pouco produtivo pela quantidade grande de pessoas. Então, temos em torno de 10 pessoas trabalhando. Elas são pessoas-chave para a operacionalização de cada órgão, dentro das suas atividades. A estrutura dentro da prefeitura está configurada dessa forma.

**Roberto Ainbinder, servidor da Secretaria Municipal de Urbanismo, retoma a palavra:**

- Na verdade, a estrutura já havia sido aprovada pelo prefeito quando ele assinou o contrato com a UIA em 18 de janeiro. Dentro do contrato existe uma regra de governança, que detalhava essa estrutura que a gente tem agora.

-Basicamente é isso. Só gostaria de ressaltar essa parceria que é fundamental para o Congresso Capital Mundial, então vamos juntos ao sucesso.

- Estávamos comentando hoje que esse evento de 2020, apesar de estarmos em um momento de tão baixo astral, de tanta dificuldade, surge como uma oportunidade, uma agenda positiva e agregadora. Você pode unir setores da sociedade que estão divergentes em torno de um tema praticamente unânime.

- Vale ressaltar também que, na programação, o trabalho que temos que nos debruçar com muita atenção é a questão da educação patrimonial. Fazer um esforço junto com a secretaria de Educação, que tem essa base incrível nas escolas municipais, e também procurar ofertar na secretaria estadual. Isso seria um grande legado para o Congresso da Capital Mundial.

**Sergio Magalhães, presidente do Congresso Mundial de Arquitetos UIA2020Rio, retoma a palavra:**

- Em 2019 nós temos alguns eventos de programação para mobilizar as pessoas. Nos estados, o IAB e as entidades de arquitetura e as universidades estão programando eventos pequenos e médios que estão relacionados com o tema geral do congresso e com as questões dos eixos temáticos. Seria muito importante que cada entidade que vocês representam pudesse ajudar nisso. Por exemplo, a PUC já está participando e a UFRJ tem quatro disciplinas já implantadas neste ano com os quatro eixos temáticos. Isso contribui para a mobilização das pessoas e para a divulgação.

- Agora nesse primeiro semestre acontecerá o lançamento do concurso internacional para estudantes sobre o projeto da Maré. E haverá, ainda uma premiação internacional para estudantes, depois um concurso e uma premiação para jovens arquitetos até 40 anos.

- O ano começa em 2020 com o Réveillon, deve ter alguma manifestação sobre a capital Mundial e o Congresso, depois vem a cerimônia oficial do Carnaval. Nós estamos trabalhando com a empresa SRCOM, do Abel Gomes e Paulo Cesar Ferreira, que são os caras que mais fazem eventos de qualidade aqui no Rio. A abertura das Olimpíadas e o Réveillon, por exemplo, foi obra deles. Eles estão muito interessados que alguma escola de samba no carnaval do ano que vem, de algum modo, leve a bandeira da Capital Mundial.

- Março, abril, maio e junho de 2020 são meses destinados a cada um dos eixos temáticos, onde se discutem temas transversais de natureza técnica, social, arquitetônica, etc, trazendo o que aconteceu nos estados e, eventualmente, em outros países, como Argentina, Uruguai,

Portugal, França, Colômbia, China e Peru. Nesses meses, será preparado o que se levará para o Congresso que terá 5 dias, 50 palestrantes até o momento, além de apresentações de trabalhos acadêmicos e profissionais de todo o mundo. O comitê de honra é presidido pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que em 2006 recebeu o Prêmio Pritzker, e composto por personalidades da arquitetura e da cultura brasileira. O comitê científico é composto por sete brasileiros, coordenado pela arquiteta e urbanista Elisabete França, de São Paulo; pela arquiteta e urbanista Margareth da Silva Pereira, do Rio de Janeiro; Ruth Verde Zein, crítica da arquitetura de São Paulo; Thiago Andrade, de Brasília; Zeca Brandão, de Pernambuco; Vinicius Andrade, de São Paulo; e Nivaldo, da Bahia.

- O fórum mundial das cidades é um dia acoplado ao congresso, por isso acontecerá em julho. Participarão prefeitos das cidades que foram sede de congresso anteriores e o prefeito da próxima cidade-sede, Copenhague. Teremos também a presença de executivos de grandes empresas de impacto sobre as cidades, jovens lideranças, presidentes e ex-presidentes da UIA, IAB, IABRJ, membros da sociedade civil e arquitetos. Este fórum pretende ter uma proposta ao final dele.

- Haverá um pavilhão interativo nos meses de junho, julho e agosto sobre experiências ainda em estudo. O Palácio Capanema será um lugar de cerimônias e recepções oficiais. Depois do Congresso, tudo será compilado e publicado em agosto, setembro e outubro. Para fechar, em dezembro, no ano de 2020, acontece o Rio Capital Mundial da Arquitetura.

- Neste momento estamos em negociação com, mais ou menos, 40 instituições culturais, os principais museus e casas de cultura. Estamos negociando, também, exposições de outros países que serão apresentadas aqui. Estamos em negociação com a França, que irá produzir um festival de filmes. Teremos exposições de música, visitas guiadas pelas arquiteturas e diversos aspectos da cidade. Inclusive, precisamos ter algum instrumento melhor para conhecer, ter interação com alguns lugares importantes da cidade e da região metropolitana, para além do centro e das áreas turísticas, como Madureira, Vila da Penha, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Marechal Hermes e Pavuna.

*Aparte da Subsecretária Municipal de Urbanismo, Valeria Hazan: A gente tem um trabalho interessante na Pavuna, já firmamos um convênio entre a prefeitura do Rio e a de São João de Meriti, estamos realizando todo um trabalho de integração com a região metropolitana e está bastante avançado. Seria interessante vocês darem uma olhada, porque a Pavuna é uma das portas de entrada do Rio.*

- Nessa parte de música e de guia tem uma sugestão que está em andamento: de passeios guiados onde os guias irão apresentar a arquitetura de modo personalizado. Por exemplo, arquitetura colonial: haverá três ou mais guias com roupas e ao som de músicas da época.

- Nós iremos abrir inscrições para voluntariado. Na verdade, todos nós do comitê organizador somos voluntários. Não recebemos salários e nem reembolso das despesas, mas estamos muitos satisfeitos.

- O ano acadêmico de 2020 é o que eu comentei antes, onde muitas instituições estão sendo contatadas através da ABEA, que é a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura, não só do Rio, mas de outros estados também, para implantar disciplinas concatenadas com o tema. E especialmente, e até uma parte disso é sugestão do prefeito Crivella, uma atuação junto às escolas municipais. E nós adiantamos junto às escolas de segundo grau, tanto públicas como privadas, para que durante o ano de 2020 haja muita atividade didática que se relacione com os temas da Capital Mundial e do Congresso e que diga para os jovens o que é uma cidade, o que é um bairro, o que é o espaço público, o que é infraestrutura. Enfim, para que as pessoas, dentro do seu contexto e de sua capacidade etária, possam aprender a reconhecer no seu patrimônio urbano uma qualidade importante.

-Queremos ter legado. A expansão lá atrás alega que cinco favelas deveriam compor esse legado. Se tivesse como recuperar essa proposta ia ser muito legal. Parcerias de diversas

instâncias públicas, setor público/privado em aberto. Enfim, são essas as entidades que estão à frente até agora.

*Aparte da Subsecretária Municipal de Urbanismo, Valeria Hazan*

- Eu acho que, em relação ao voluntariado, os voluntários fazem com o maior prazer e dedicação. Eu também fui uma voluntária, eu trabalho com a prefeitura, mas também fui uma das organizadoras do Congresso Brasileiro de Arquitetos de 2003, no Rio, onde eu fui voluntária do IAB, como conselheira. Hoje, com a atribuição que eu tenho, não consigo me dedicar integralmente a essa programação, mas, na medida em que eu puder, contem com todo o nosso apoio. Acho que a gente está cada vez mais alavancando parcerias na prefeitura. Essa questão da educação é um dos legados que vai ser fundamental. O prefeito é engenheiro. A gente mesmo tendo, algumas vezes, diferentes pessoas da cidade como arquitetos e engenheiros, ele entende muito do nosso assunto e tem todo interesse em propagar isso.

- Eu acho interessante a gente articular com o programa que já é sucesso na Prefeitura, que é o programa "Territórios Sociais". É um programa coordenado pelo IPP, mas que agrega vários órgãos, e que tem essa questão da recuperação dos ambientes mais debilitados onde a população tem mais carência. Isso tudo embasado em dados científicos. Então, eu acho que é uma articulação que a gente pode pensar como mais um legado para a cidade.

- Nós estamos com uma articulação entre o IPP, o Patrimônio Imobiliário e outros órgãos. Estamos pensando na recuperação de alguns espaços para devolver a cidade em 2020, com foco em alguns espaços na Zona Sul que a gente entende que estão muito degradados. Essa programação toda do Rio 2020 está trazendo um ânimo, uma garra para vários órgãos da prefeitura, um engajamento, e é motivo de todos se unirem com força para apresentar a cidade, para reunir parcerias o máximo possível ao longo de todo o ano.

- Esperamos que esse decreto seja publicado nos próximos dias e de qualquer forma já está sendo trabalhado. Independente disso vamos continuar com as nossas reuniões com o IAB e estabelecendo parcerias. Talvez a gente possa trazer daqui a alguns meses novas notícias e receber de vocês, também, novas notícias.

**Em seguida, foi dada a palavra a Pedro da Luz, presidente do Departamento Estadual (RJ) do Instituto de Arquitetos do Brasil. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:**

- Nós estamos com uma ação, uma dessas que já foi mencionada, junto com a Secretaria Municipal de Educação. E isso foi uma coisa que não foi só uma ação da IAB, mas do Colégio de Entidade e de Arquitetura e Urbanismo. Nós desenvolvemos uma estratégia de sensibilização, já no ano de 2019, para que um grupo de arquitetos visitassem as escolas do ensino básico, tanto públicas como privadas, e estamos colocando nas ruas a manifestação de interesse dentro do nosso quadro para aquelas pessoas que estejam interessadas em ministrar esses conteúdos nas escolas. Acho importante a gente começar, desde já, uma sensibilização com as novas gerações. Além disso, como falei anteriormente, o programa "Favela Bairro" está completando 25 anos, então iremos fazer um encontro sobre isso. Essa ideia surgiu na Universidade Federal Fluminense, lá em Niterói. Está sendo organizado por lá e também por aqui, por meio do IAB. A ideia não é fazer um encontro simplesmente de celebração e memória, mas tentar tirar desse encontro uma carta que a gente possa entregar tanto ao governador do estado como ao prefeito. Porque a gente pensa que a cidade está sem um programa continuado de urbanização de favela e acho que isso é super importante ter isso na cidade. Então, a ideia é que esse encontro seja propositivo e possibilite a síntese de um

documento que a gente possa entregar. Além disso, a condição de patrimônio do IAB também tem se engajado muito nesse tema .

- O bairro de Marechal que eu tenho mencionado várias vezes aqui nesse conselho é um bairro que concentra experiências habitacionais muito interessantes. Desde o tempo do presidente Marechal Hermes, o bairro tem uma vila operária, talvez a primeira vila operária do Brasil; tem uma estação de trem, que é uma joia rara; tem um patrimônio muito importante, o Teatro construído pelo arquiteto e urbanista Affonso Eduardo Reidy, que é modernista; e tem os conjuntos do Frederico Orlando, que tem uma ampla experiência na construção de conjuntos habitacionais modernistas.

- A oportunidade do congresso é jogar luz sobre um patrimônio que nós mesmos não reconhecemos como tal. O Rio, na verdade, tem um patrimônio notável já construído e que não se restringe àquilo que está nos guias oficiais. É um patrimônio que ainda está adormecido e desconhecido e, por isso, é muito importante a gente jogar luz sobre isso.

*Aparte do Conselheiro Mauro Osorio:*

- Eu acho essa ideia de trazer o evento para o Centro excelente. E também é importante sair da Zona Sul/Centro, que é um pouco o imaginário do carioca. Então, por exemplo, teve um artigo uns anos atrás que disse que no Rio o pobre e o rico eram quartos contíguos, mas na verdade, na maior parte dos casos, são quartos distantes. Ou seja, as grandes favelas do Rio de Janeiro não estão na Zona Sul.

- Esse trabalho que a gente fez, o programa “Território Sociais” é muito interessante. Já vinha sendo desenhando desde a gestão anterior, baseado no Índice de Pobreza Multidimensional. A gente foi, inicialmente, nos 20 mil domicílios mais pobres da cidade do Rio de Janeiro usando como base o índice criado pelo IPP, o Índice de Desenvolvimento Social, e nenhum desses 20 mil domicílios estão em favelas da Zona Sul ou da Grande Tijuca. Ou seja, não estão na cidade de classe média. Estão fora da cidade metropolitana de classe média. E nesses 20 mil territórios a gente encontrou dois mil abaixo da linha da pobreza.

Conseguimos em um ano, por conta da estrutura que a prefeitura tem, resultados extraordinários. A taxa de mortalidade infantil caiu de 8,5% para 13,5 % em um ano. Colocamos todas as crianças que estavam fora da escola dentro das escolas. A gente tem conseguido avançar menos em relação à saúde, educação e condições de moradia. Dessas três, avançamos menos no quesito condições de moradia. Mas são pequenas coisas, o custo nem é tão alto assim.

*Aparte da Subsecretária Municipal de Urbanismo, Valeria Hazan :*

Então, mas eu acho que a gente consegue porque hoje existe uma lei municipal de assistência técnica, já aprovada, e que foi motivada pela secretaria de Infraestrutura junto com a secretaria de Educação. A questão é a chegada desses recursos e o financiamento. Falando sobre a questão da continuidade, nós temos o programa “Favela Bairro”. As obras que estavam já planejadas em contrato com o BID permanecem. Está sob a gestão da secretaria de Infraestrutura, mas a gente acompanha o orçamento e as obras.

- De qualquer forma quando eu falo aqui do programa “Territórios Sociais” eu acho que, até por conta de toda expertise do IPP que trouxe esses dados, é muito agregador. É uma outra formatação em que a gente está trazendo melhorias para a população mais pobre da cidade que, de fato, não usufruem dos benefícios de morar no Rio de Janeiro. É inimaginável como as

peças realmente moram nessas regiões e não usufruem de nada do que a gente tem na cidade do Rio.

- Da mesma forma que estamos fazendo esse engajamento dos órgãos municipais e das estruturas existentes para essa governança interna da Capital Mundial eles tem isso já consolidado para o programa "Territórios Sociais".

- A secretaria de Urbanismo também é uma parceira. A gente não tem recursos para fazer a obra, mas a gente tem trabalhado em colaboração. E aí eu acho que a gente consegue agregar melhor.

*Aparte do Conselheiro Mauro Osorio:* O programa "Territórios Sociais" tem um comitê gestor que é coordenado aqui pela Andrea, mas também pela Casa Civil, se reúne semanalmente. Todas as crianças que entraram na escola, a gente acompanhou. Porque se não acompanhar eles entram e saem. A família é tão desestruturada que elas não ficam. Em 25% desses dois mil domicílios tinha pelo menos uma criança fora da escola. Isso em uma cidade onde sobram vagas. E agora a gente, junto com a ONU Habitat, vai entrar em 150 mil domicílios de 10 complexos de favelas.

*Aparte da Subsecretária Municipal de Urbanismo, Valeria Hazan:* Em relação ao financiamento, não tem. O recurso municipal não tem. Eu sou uma pessoa interessada nesse tema há bastante tempo, mas não está com a secretaria de Urbanismo essa tutela e nunca esteve. Então não é um assunto que a gente possa levar a frente, mas eu acho que via "Territórios Sociais" a gente consegue ter uma articulação mais interessante. Têm iniciativas na prefeitura que talvez não estejam funcionando tão bem em conjunto. Acho que a gente pode tentar alavancar com isso.

*Aparte do Sergio Magalhães, presidente do Congresso Mundial de Arquitetos UIA2020Rio:*

Nessa geração, até o final de 2030, o Rio vai deixar de ter dois milhões e pouco domicílios e vai ter três milhões e pouco. Vai aumentar mais de 50%. Se não tiver financiamento, se não tiver política isso vai aumentar a miséria e aumentar a área ocupada miseravelmente.

*Aparte do Conselheiro Mauro Osorio:* Isso aí é uma lógica de loteamento irregular **articulado com a milícia**... Isso é outra coisa. O conceito de favela nem consegue conter mais isso. O jornal O Globo, uma vez por mês, nos diz que tem crescimento horizontal e não tem. E eles cismam que tem e a gente tem que ficar falando que não tem. O que tem é crescimento vertical e crescimento irregular e que nem é conceituado como favela.

- Mas só para fechar, gostaria de dar uma sugestão. Talvez o sindicato patronal da cidade do Rio de Janeiro que tem mais enraizamento com seus associados, com seus empresários é o sindicato dos Hoteis, Bares e Restaurantes. Que não é um sindicato de papel, é um sindicato que tem mesmo empresários, um pessoal com muita entrada de formadores de opinião. Eu acho que vocês deveriam fazer uma apresentação para a diretoria, eles iriam adorar tomar conhecimento disso.

*Aparte da Conselheira Maria Alice:*

- São três ideias rápidas. A primeira ideia é que eu não posso deixar de cumprimentar o esforço que está sendo feito, pois realmente é impressionante a forma como vocês conceberam a estruturação disso, inclusive a governança, que é muito bem desenhada.

- Eu queria dizer também que um desejo só não basta. Eu acho que o principal desafio é a gente fazer essa ida à sociedade. Porque a imaginação pública no Rio de Janeiro foi inteiramente deslocada. Não é esse o tema e nem cidade, quer dizer, cidade aí já compreendendo favela, nem os desafios que o mundo urbano, o espaços brasileiro estão colocando. A imaginação pública hoje está toda voltada para o tema da violência. É esse o problema público que está mobilizando a sociedade brasileira. Portanto, eu acho que é um desafio muito grande a gente fazer com que com que aquilo que nós perdemos, ou seja, que é o interesse genuíno pelo espaço urbano, pela urbanização das favelas, pela integração da cidadania em torno de um projeto comum de cidade, que ele reviva.

- Nessa minha segunda observação, uma das coisas que mais me chamou atenção foi o fato de ser um encontro muito elevado. Não há interesse. O problema público precisa ter interesse, precisa ter empresário, precisa ter sindicato, precisa ter luta por hegemonia. Na época que a cidade foi o grande tema público, quando as favelas foram o grande tema público os empresários estavam lá. A gente podia não gostar muito, mas a gente disputava espaço com eles. Os sindicatos estavam lá, os movimentos sociais estavam lá. Então, eu acho que falta interesse. Eu estou ouvindo falar só de universidade, de arquitetos. Eu diria que isso me assusta um pouco. Agora vem essa pequena luz de trazer, pelo menos, os sindicatos hoteleiros. Eu não sei, a gente vai ter que revolver a cidade, pois imaginação pública sem interesse acaba sendo apenas uma coisa de ideias. E nesse plano das ideias nós vamos muito mal.

- A terceira observação que faço é a seguinte...Vou usar apenas o tema da universidade. A gente ainda se refere à universidade como no século XX. Nós nos referíamos à universidade quando a universidade era de fato um órgão de vertebração da sociedade. Ninguém fazia nada se a universidade não tivesse envolvida. Então temos que pensar o que significa a universidade hoje em dia. Onde está a inteligência sob a cidade? Acho que tem muita coisa nova surgindo. Por exemplo, nas favelas e nas universidades os coletivos de jovens são uma presença muito atuante. Têm coletivos de jovens negros, coletivos organizados, com lideranças espetaculares e eles estão se reunindo. Cito aqui os encontros que tem no MAR (Museu de Arte do Rio), que são encontros há muitos anos organizados pela Ilana Strozenberg, que têm um mapa dessas atividades, um mapa impressionante. Não é que esses jovens substituam a universidade, não é isso. O que estou falando é que há inteligências concorrentes. E há sistemas de vertebração da vida, da cultura carioca, que são sistemas de vertebração não tão homogêneos quanto eram no século XX. Então eu acho que além da universidade, esses sistemas mapeados de organização, de práticas, de mobilização, de vida inteligente têm que ser contatados ontem. Porque depois que eles virem que está tudo estruturado e que eles estão recebendo de cima para baixo todo jovem vai se sublevar

Acho que essa é uma terceira observação no sentido de chamar atenção para o fato de que as agências que nós estávamos acostumados a nos referir, por exemplo, favela e universidade, são intelectuais coletivos que já não têm a mesma força que tinham.

*Aparte do Conselheiro Jorge Luiz Barbosa:*

- Esse congresso traz também uma agenda e uma agenda precisa ter uma agenda mínima. E o legado desse congresso propositivo dessas teses, dessas metas, se não tiver envolvimento da sociedade civil significa a perda de uma grande oportunidade. Eu acho que hoje o tema da cidade é um tema envolvente, mas a vertebração ocorre muito mais pela violência. E a violência leva ao esgarçamento da sociedade. Temos que descobrir com a gente mobiliza e reverte isso. Esse congresso pode ter esse papel, desde que a gente consiga mapear esses agentes que podem promover esse agenciamento. Esses coletivos culturais, de arte, não só estão pensando a arte, o *hip hop*, o funk, eles estão pensando a cidade, pensando o espaço público. Espaço esse que é muito cerceado, muito restrito, inclusive pelas forças do próprio Estado, o que torna esse movimento extremamente importante porque você deixa um legado para a cidade de sociabilidade fundamental. Precisamos envolver esses grupos que estão propondo novas efetividades de cidade, novos usos, novos mapas, novas formas de apropriação.

*Aparte do Conselheiro Mauro Osorio:* 70% da população carioca está na zona suburbana e na AP5. Pensar em como chegar até lá é importante.

*Aparte do Conselheiro Jorge Luiz Barbosa:* É importante analisar como podemos pensar em outras linguagens também. Existe a questão do legado do congresso que é o congresso da palavra escrita, daquela linguagem que nós conhecemos. Eu acho que quando você coloca exposições, etc, você ajuda essa garotada a pensar a cidade a partir de outra linguagem e estimula novas propostas de vivências. Existem alguns espaços da prefeitura que são importantes, as arenas e as lonas, além de outros equipamentos na cidade, onde você pode agregar uma série de pessoas em debates, exposições, principalmente jovens, que muitas vezes não vivem a cidade como um todo e agora estão começando a pensar a cidade.

*Aparte do Conselheiro Carlos Pereira Dias:* No desenvolvimento do plano sustentável, existe uma agenda com a secretaria de educação muito interessante. O objetivo é fomentar o interesse das crianças pelos ODSs, fazê-las pensarem em como isso pode ser inserido no dia a dia, no planejamento da cidade. A gente tem tido uma parceria muito boa, inclusive com alguns instrumentos de pesquisa de opinião encontrados na internet.

*Aparte do Conselheiro Paulo Reis* - Uma coisa bem legal seria tentar envolver os professores de história, geografia, dando um curso, ou seja, subsídio para essas pessoas. A presença de um arquiteto em sala de aula também seria importante, mas o arquiteto instrumentalizando os professores também é muito interessante. Valeria muito a secretaria de educação chamar os professores de história e geografia para um grande workshop, com o objetivo de instrumentalizar esses professores. Dessa forma, é possível trabalhar temáticas do próprio território em sala de aula.

*Aparte do Conselheiro Pedro da Luz:* Eu acho que a secretaria de educação tem uma capilaridade impressionante e nós estamos muito interessados nisso. Essa carta das entidades foi exatamente no sentido de mobilizar a rede para começarmos a atuar nesse sentido.

*Aparte do Conselheiro Mauro Osorio:* Eu acho que nós podíamos ter um dia de visita ao IPP.

*Aparte do Conselheiro Roberto Medronho:* Eu concordo com o que a Maria Alice falou e acho que a gente precisa repensar os espaços de saber, que hoje estão muito mais difusos do que dentro da Torre de Marfim. Eu acho que houve uma introspecção, um olhar para o seu próprio umbigo. O que eu acho muito importante é que, por exemplo, no nosso conselho universitário existe um representante da prefeitura e nunca foi ocupada essa vaga. Só foi ocupada na época do prefeito Cesar Maia. Então, a vaga ainda está aberta. Eu sugiro que, talvez, via IPP, converse-se com o prefeito para que haja, de fato, uma indicação formal do prefeito. E, por último, uma pergunta sobre o congresso, porque uma das coisas que me mobiliza muito é um dos projetos da Organização Mundial de Saúde, o das “Cidades Saudáveis”. O nosso grave problema de saúde pública, especialmente o das arboviroses, também a tuberculose, são causados pela desorganização do espaço urbano, já que a maioria dessas doenças são produzidas de forma exponencial nesses espaços. E aí o planejamento urbano é fundamental. Esse projeto da OMS é um projeto espetacular, muito consistente. Eu queria saber se vai ter espaço para que isso seja discutido nesse Congresso Internacional de Arquitetura.

*Aparte de Sérgio Magalhães:* Neste momento nós estamos com a seguinte combinação: Comissão Especial de Saúde Pública da UIA, que é uma instituição razoavelmente grande e que faz eventos a cada congresso, a Associação Brasileira de Desenho de Hospitais e a Fundação Oswaldo Cruz. Estamos organizando dentro do congresso, em três períodos contínuos, um mini congresso destinado à saúde urbana. Não vai deixar de ter, também, uma parte de edificações, mas a ênfase vai ser saúde urbana. E o Jerônimo Moraes que é nosso consultor, ex-presidente do IAB do Rio de Janeiro e atual funcionário da Fiocruz, estará indo semana que vem, a convite da Politécnica de Milão, para um seminário internacional específico sobre esse tema. Ele vai com a incumbência de fazer os contatos para dar reforço para esse congresso que vai ter aqui em 2020.

*Aparte da conselheira Claudia Escarlata:* Alguns técnicos da Casa civil e da Smu, junto com a Leticia Fontes, foram a uma viagem patrocinada pelo C40 em Copenhague, em 2017, justamente para sermos treinados em como usar o espaço urbano. Eles demonstraram para nós como o espaço urbano influencia na saúde pública em geral. Ensinaram como medir, como obter dados para demonstrar como o espaço público tem influência na saúde mental e física das pessoas, como, por exemplo, o crescimento do diabetes devido ao estresse nas grandes cidades.

*Aparte da Subsecretária Municipal de Urbanismo, Valeria Hazan:* A secretaria de urbanismo tem tido várias iniciativas cruzando a questão da saúde urbana. A nossa coordenadora de projetos, a Leticia Fontes, continua sempre trabalhando nessa linha, com propostas de mobilidade ativa, baseadas nesses estudos que ela teve oportunidade de fazer e também dentro do Plano Diretor. Nós estamos no processo de revisão do Plano Diretor, o último foi aprovado em 2011 e a gente teria obrigação de entregar até 2021. Está sendo finalizado o diagnóstico técnico, nós temos um comitê técnico de acompanhamento do Plano Diretor implementado desde 2011 na prefeitura. Fazem parte dele técnicos de 20 órgãos municipais, todos do quadro técnico da prefeitura. O comitê é coordenado pela SMU e realiza reuniões mensais. Sobre esse novo Plano Diretor, a intenção é que ele seja diferente do plano em vigor, que seja um plano efetivamente territorializado, com poucos artigos escritos e muito mapeado. Isso porque, ao contrário do que muitos pensam, nós temos muita informação já consolidada, seja no Data.Rio ou no Siurb, temos cada vez mais um cruzamento de dados. O objetivo é conseguir cruzar todas as políticas que estão no Plano Diretor com instrumentos para que possamos viabilizar essas políticas. Estamos vendo como essa entrega de Plano Diretor pode se articular com o Rio Capital Mundial da Arquitetura, que é um projeto de lei que o Executivo vai enviar ao Poder Legislativo.



*Aparte do Conselheiro Luiz Roberto Arueira: Vou aproveitar o gancho para destacar que todo esse acervo de informações que a gente tem no portal Data.Rio, isso ficou bem claro para mim durante a apresentação de vocês, fica muito melhor demonstrado quando a gente mostra no espaço. E a gente tem todos os recursos à disposição para criarem plataformas.*

O presidente Mauro Osorio agradeceu aos presentes e encerrou a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta Ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.